

Atlas Vallard: Uma narrativa francesa da América em meados do século XVI

Atlas Vallard: A French narrative of America in the mid-sixteenth century

Luciana de Queiroz Pinto¹

Resumen

El Atlas Vallard es un atlas-libro de doble hoja, con quince mapas y hojas de información náutica que se encuentra en la Huntington Library, en San Marino, California. Rico en iconografía, abundante en rosas de los vientos y con una amplia lista de topónimos de la costa, en la primera hoja lleva la descripción “Nicolas Vallard de Dieppe, 1547”. Cinco mapas describen territorios de América, tema de este ensayo. El objetivo de este artículo es hacer una lectura contextualizada de la perspectiva francesa en el proceso de colonización ibérica en América.

Palabras clave: cartografía histórica, Edad Moderna, colonización de América, mapas portulanos, Francia, siglo XVI

15

1 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História Social, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. PPGHS / FFP / UERJ.

E-mail: lucianadequeiroz@gmail.com

ORCID: 0009-0006-1518-8511



Abstract

The Vallard Atlas is a double-sheeted atlas-book, with fifteen maps and nautical information sheets housed at the Huntington Library in San Marino, California. This atlas is rich in iconography, abundant in wind roses, and with a vast list of toponyms on the coast. On the first leaf, it bears the description “Nicolas Vallard de Dieppe, 1547”. Five maps describe territories in America, the subject of this essay. The objective of this article is to make a contextualized reading of the French perspective in the process of Iberian colonization in America.

Keywords: Historical cartography, Modern Age, Colonization of America, Portulan maps, France, 16th century

Resumo

O Atlas Vallard é um livro-atlas de folha dupla, com quinze mapas e folhas de informações náuticas, pertence à Biblioteca Huntington, San Marino, Califórnia. Rico em iconografia, abundante em rosas dos ventos e com uma vasta lista de toponímicos na costa, a primeira folha traz a descrição “Nicolas Vallard de Dieppe, 1547”. Cinco mapas descrevem territórios na América, o tema deste ensaio. O objetivo deste artigo é fazer uma leitura contextualizada da perspectiva francesa no processo de colonização ibérica na América.

16

Palavras chave: cartografia histórica, Idade Moderna, colonização da América, mapas portulanos, França, século XVI

* * *

Este artigo pretende analisar cinco mapas do Atlas Vallard² que descrevem territórios da América em meados do século XVI. O objetivo é compreender esses mapas como parte significativa de uma narrativa francesa que justificava as explorações, visto que dos 15 mapas, cinco deles focam no Novo Mundo. Examinamos os seguintes mapas: Mapa 6 - Oceano Atlântico com costa da África e Brasil; Mapa 9 - Costa Leste da América do Norte; Mapa 10 - Índias Ocidentais, México, América Central e norte da América do Sul; Mapa 11 - Nordeste da América do Sul; Mapa 12 - Sudeste da América do Sul, Estreito de Magalhães.

De aspecto portulano³, o atlas retrata territórios da Europa, África, Ásia, Oceania e América. Com descrições topográficas pelo litoral, indicações de rios e representações imagéticas.

2 Pertence ao acervo do Huntington Institute. Seu título principal é *Atlas Portulano*, chamado de *Atlas Vallard*, como título secundário. Produzido em pergaminho, esse livro-atlas há um roteiro, indicação de massas de terra, ilhas, rosas dos ventos, bússolas, tabelas de declinação, números arábicos e linhas de rumo. Observa-se escalas de latitude e longitudes numeradas. De origem anônima, esse portulano, traz na 1.^a folha uma epígrafe: “Nicolas Vallard de Dieppe, 1547”. Ver: Pinto, P. J. de S. (2014) *A Austrália descoberta pelos Portugueses? Ficções aquém e além de Capricórnio*. Brotéria: Cristianismo e Cultura, Braga, vol. 178, n.5/6, p.496, Maio-Junho. Recuperado de https://www.academia.edu/16214441/A_Austr%C3%A1lia_descoberta_pelos_portugueses_Fic%C3%A7%C3%B5es_aqu%C3%A9m_e_al%C3%A9m_de_Capric%C3%B3rnio

3 Portulanos foram cartas marítimas cuja prioridade era destacar a região costeira dos locais, para facilitar o embarque das navegações. Esses mapas portulanos facilitaram o trabalho dos pilotos, porque traçavam rotas, portos e indicavam linhas de rumo que tornou a navegação mais objetiva. Para saber mais, ver Ribeiro, A. M. F. da S. (2011) *Os Navios e as Técnicas Náuticas Atlânticas nos Séc. xv e xvi: os pilares da estratégia*. *Revista Militar. Lisboa*, nº 2515/2516 - Agosto / Setembro. Recuperado de <https://www.revistamilitar.pt/artigo/667>

Todo conteúdo do mapa, seja escrito ou iconográfico, servia para enviar informações àqueles que tinham interesse na conquista. É fato que a política mercantilista e expansionista dos Estados Modernos se beneficiou com a colonização e a exploração de áreas. Nesse sentido, toda notícia era relevante para os conquistadores planejarem expedições e ocupações. Logo, concluímos que esses mapas fortaleceram as aspirações francesas para conquistar possessões na América.

Os mapas não são documentos isentos de juízo de valor. Eles retratam um território, são destinados a um público e possuem finalidade específica. Seus elementos escritos ou iconográficos carregam em si, significados simbólicos, com discursos que consolidam um domínio ideológico. Segundo Harley, “a história dos mapas como a de outros símbolos culturais, pode ser interpretada como uma forma de discurso, nos quais os códigos podem ser ao mesmo tempo imagéticos, linguísticos, numéricos e temporais, como uma forma de saber espacial” (2009, p. 5).

Ao observar os mapas que retratam a América, podemos perceber que a parte Sul teve mais destaque, pois aparece na maioria deles. Isso reforça as hipóteses de que: os Franceses tinham maior interesse em ocupar terras ao sul do continente, por isso fizeram mais mapas dessa parte; mesmo sendo produzido em Dieppe, na França teve influência de cartógrafos portugueses, já que eram hábeis no fabrico de mapas e tinham informações das explorações lusitanas nessas terras. Não aparecem referências das monarquias ibéricas, nem escritas ou imagéticas. O Atlas Vallard de 1547, antecede as ocupações francesas na América. Os mapas antecederam a conquista, sendo assim, tornou-se imprescindível possuir esses documentos, devido à necessidade de conhecer o espaço a ser dominado.

Mapas não são apenas objetos que descrevem espaços geográficos, eles foram importantes mecanismos no processo de dominação, principalmente no contexto das navegações, eles eram parte do arsenal de muitos Estados.

A esse respeito, observe-se:

Da mesma forma que os canhões e os navios de guerra, os mapas foram as armas do imperialismo. Na medida em que os mapas serviram para promover a política colonial e onde os territórios foram reivindicados no papel antes de serem efetivamente ocupados, os mapas anteciparam o império. [...] Os mapas prestam-se a legitimar a realidade da conquista e do império. Eles contribuem para criar mitos que ajudam a manter o *status quo* territorial. Como instrumentos de comunicação de uma mensagem imperial, eles fornecem um complemento à retórica dos discursos, dos jornais e dos textos escritos, ou aos contos e canções populares que exaltam as virtudes do império. (Harley, 2009, p. 6)

Em 1493 a Bula Inter Caetera⁴ e 1494 Tratado de Tordesilhas, dividiram territórios e áreas de domínios entre os reinos ibéricos, incluindo o Novo Mundo. Esses acordos pré-estabelecidos demarcavam zonas reservadas à exploração com finalidade política⁵. Estes documentos eram “o exemplo mais antigo que conhecemos de uma convenção entre dois países para, através da divisão da terra em zonas de influência que lhes são atribuídas, evitar uma concorrência que poderia conduzir a confrontações perigosas.” (Albuquerque, 1974, p. 221). A representação do Tratado pode ser observada no

4 Recuperado de <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185853>

5 Tanzi, H. J. (1976). O Tratado de Tordesilhas e sua projeção. Revista de História, [S. l.], v. 54, n. 108, p. 533-541. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/77814>

Planisfério de Cantino de 1502 (figura 1) que descreve: ‘Este é o marco entre Castela e Portugal’.



Figura 1. Planisfério de Cantino, 1502. Disponível em <https://emilib.medialibrary.it/media/schedaopen.aspx?id=2471463>

Diante dessa realidade binacional, a França investiu em obter áreas de domínio, burlando as regras impostas pelo acordo de 1494. Foi durante a Dinastia Valois que a exclusividade ibérica de navegação no Atlântico foi questionada. A legitimidade sobre o *Mare Liberum*⁶, surgiu em contraposição ao *Mare Clausum*⁷.

Nesse sentido, afirma-se:

6 Ferreira, J. J. B. (2006). A Tese Do “*Mare Liberum*” (1608) E Os Ventos Da História. *Revista Militar*, Lisboa, nº 2457, Outubro. Recuperado de <https://www.revistamilitar.pt/ARTIGO/139>

7 Domínio e hegemonia dos mares reivindicada pelos portugueses, consolidada pela Igreja, através de Bulas papais – *Romanus pontifex* de 1456. Hespánha, A. M. e Santos, M. C. (1993). Os Poderes num Império Oceânico. In: Mattoso, J. *História de Portugal, vol IV*, [s.l.], Círculo de Leitores. p. 395-413.

E fora mesmo o rei da França, Francisco I (1515-1547), o primeiro a questionar o Tratado de Tordesilhas (1494), ao qual chamou de “testamento de Adão” –porque homologado pelo papa– que restringia o mundo “descoberto e por descobrir” entre Portugal e Espanha. Um prenúncio, por assim dizer, das expedições marítimas francesas, logo seguidas pelas inglesas e neerlandesas na costa brasileira. (Berbara, 2020, p. 19)

Os locais onde eram produzidos tornaram-se importantes centros de conhecimento que se espalharam pela Europa, desde cidades da península itálica, região de Flandres, península ibérica e França. Nesses lugares, havia profissionais de outras nacionalidades fabricando mapas.

Miceli (2002) confirmou o seguinte:

Muitas vezes, numa bem remunerada clandestinidade, cartógrafos portugueses passaram para outros países, como a Espanha, para onde foram cerca de 40 deles, [...]. Outros cartógrafos portugueses prestavam serviços na Alemanha e na França, sendo digno de destaque o fato de que, neste último país, onde trabalharam cerca de duas dezenas deles, sua influência foi decisiva para o desenvolvimento da famosa escola de Dieppe. (p. 161)

O que foi confeccionado em Dieppe⁸, não era apenas para um círculo fechado de franceses, atendia a um público

8 Dieppe é uma cidade francesa, localizada na costa da Normandia. No século XVI foi um importante centro de produção que reunia cartógrafos, navegadores e comerciantes. Em meados do século XVI, Dieppe teve um papel efetivo, visto que produziu mapas e atlas do Novo Mundo. Ver: Serchuk, C. (2018). *Around the World: Borders and Frames in Two Sixteenth-Century Norman Map Books*. In: *Maps and Travel in the Middle Ages and the Early Modern Period Knowledge, Imagination, and Visual Culture*. Edited De Gruyter, Berlin/Boston.

internacional, o que fez desse local um importante centro de produção cartográfica em meados do século XVI. Tomemos o Atlas de Rotz (1542) como exemplo de documento produzido em Dieppe para o rei da Inglaterra. ‘Booke of Idrography’ ou Atlas Rotz, elaborado pelo hidrógrafo e navegador, Jean Rotz⁹. São 12 mapas e na folha 2, em francês, há uma dedicatória ao rei inglês.

Nos mapas manuscritos de Dieppe¹⁰, encontramos referências em português, francês e até inglês, isto é, havia uma mistura de características. Um aspecto importante da ‘Escola de Dieppe’¹¹ é a produção manuscrita, o que promovia a exclusividade do documento. Os mapas manuscritos eram mais pessoais, atendiam um gosto específico e exclusivo de reis e aristocratas. Por isso eram objetos de luxo e difíceis de serem reconstruídos ou copiados¹². Davies (2012) afirma que a cartografia normanda não representa os indígenas como selvagens, como outros mapas fizeram (p. 348). É característica desses mapas uma representação exótica e não erótica,

9 Ver: E. Taylor (1997). Jean Rotz and the Marine Chart, 1542. *The Journal of Navigation*, 50(3), pp. 429-435.

10 A lista dos mapas atribuídos a Dieppe, vão de 1538 até 1561. Cartógrafos importantes como Rotz, Desceliers, Le Testu, entre outros. Ver: Casquillo, J. P. (2017). A insídia das formas – ensaio semiótico relativo a “rio Timor” no atlas Vallard e “Brasília inferior” no globo de Schoner. *Revista Diálogos*. Fac. de Fil. e Ciências Humanas. Universidade Nacional Timor Lorosa’e Dili, Timor-Leste. . Ano 2, n. 2. p. 172.

11 Esse termo “escola” refere-se a um grupo de cartógrafos que estavam trabalhando em conjunto com as mesmas técnicas e fontes. Ver: Toulouse, S. (2007). *Marine Cartography and Navigation in Renaissance France*. Woodward, David. *History of Cartography*. Vol. 3, Parte 2, p. 1550.

12 Serchuk, C. (2018). Around the World: Borders and Frames in Two Sixteenth-Century Norman Map Books. In: *Maps and Travel in the Middle Ages and the Early Modern Period Knowledge, Imagination, and Visual Culture*. Edited De Gruyter, Berlin/Boston. p. 191.

o nu é influenciado pelo imaginário renascentista. As cenas desenhadas são típicas de comunidades primitivas e não de barbárie, além de enfatizar uma perspectiva edênica do Novo Mundo.

O Atlas Vallard enalteceu o expansionismo francês. Podemos observar o mapa cinco ‘África do Sul e SW do Oceano Índico’ (figura 2), onde aparece a imagem imponente do monarca com flor-de-lis e estandarte francês conquistando os mares, no mesmo local em que aparece D. Manuel, rei português na *Carta Marina* de 1516 de Martin Waldseemüller (figuras 3 e 4)¹³.



Figura 2. Sul da África e sudoeste do Oceano Índico, Atlas Vallard, 1547. Disponível em <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/53407>

13 A Carta Marina de 1516, de Martin Waldseemüller. Recuperado de <https://www.loc.gov/exhibits/exploring-the-early-americas/interactives/waldseemuller-maps/cartamarina1516/index.html>



Figura 3. Detalhe da Carta Marina, Martin Waldseemüller (1516) e do Mapa Sul da África e sudoeste do Oceano Índico, Atlas Vallard (1547).



Figura 4. Carta Marina, Martin Waldseemüller, 1516. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84595444.r=Waldseem%C3%BCller%2C%201516?rk=21459;2>

Segundo Van Duzer (2013), “a representation of King Manuel of Portugal riding a sea monster off the southern tip of Africa, indicating his nation’s technical mastery and also political control of the seas” (p. 76). Valendo-nos dessa percepção, podemos afirmar que o Atlas Vallard oferece um discurso ideológico semelhante, enfatizando o domínio francês e formação de um império colonial na era moderna.

25

Diante do exposto, intitulamos esse artigo ‘*Atlas Vallard: uma narrativa francesa da América em meados do século XVI*’, visando salientar os interesses franceses no continente americano e que o Tratado de Tordesilhas não foi um obstáculo. Outro ponto é que na França, propriamente em Dieppe, havia um centro de produção cartográfica importante que fornecia documentos para a política expansionista francesa. Não menos

importante, percebemos que o Atlas Vallard serviu como um instrumento de exposição das terras da América na conjuntura colonialista.

Em 1534, o navegador francês Jacques Cartier chegou ao norte da América, atual Canadá. A partir desse momento, o escambo feito com os nativos, aumentou os interesses no Novo Mundo. Relatos do cronista Hans Staden narram essa presença no Brasil “Ao chegarmos, encontramos um navio da França que estava carregando pau-brasil” (Staden, 1556, p. 31). Essas incursões tinham finalidade comercial e também colonialista. Entre 1555 e 1567, a instalação da França Antártica foi o primeiro grande investimento de dominação na América. “Em 1555 o almirante francês Nicolas Durand de Villegagnon, subvencionado pelo rei Henrique II, estabeleceu uma base comercial e militar numa ilha situada no interior da baía de Guanabara. Estava fundada a ‘França Antártica’” (Berbara, 2002, p. 11).

Em 1590, Adolf Montbille, estabeleceu-se no território de Ibiapaba (atual Ceará), fundando uma feitoria para comércio do pau-brasil com os indígenas, deposto só em 1604. No final do século XVI e início do XVII, investiram no norte da América do Sul, fixando-se desde a colônia do Maranhão (atual cidade de São Luís), abrangendo parte do litoral amazônico, do Amapá e da Guiana Francesa, instituindo a França Equinocial. Essas colônias demonstram que houve um movimento dinâmico dos franceses em ocupar territórios na América e os mapas serviam de base para essas conquistas. Em vista disso, pontuamos o Atlas Vallard como um dos esteios para essas ofensivas.

O primeiro mapa com representação da América está na prancha seis, onde aparece apenas uma pequena parte da

costa oeste da África e leste do Brasil (figura 5). Centralizado no Atlântico, em virtude de ser um espaço estratégico de navegação para exploração do Novo Mundo. Aparece um círculo formado por rosa dos ventos e lemos a descrição ‘La Terre den Brezil’. Nas coordenadas geográficas, surge o Trópico de Capricórnio junto à Capitania de Cabo Frio, ao sul. Aparece a costa nordeste do Brasil e há a marcação da ‘Linha Equinocial’. Existem pontos de arrecifes no rumo da ‘Ilha do Fernan’ (Fernando de Noronha). No interior do Brasil, observamos imagens de seis indígenas segurando instrumentos, madeira, arco e flecha. Indica baías, rios, montes e capitânicas; informações úteis para aportar embarcações e estabelecer comércio.

A ênfase no Atlântico reforça a tese da intenção francesa em mapear e detalhar os caminhos para terras da América. Representar o espaço navegável era tão importante quanto demonstrar rotas, locais de ancoragem, povos nativos e os territórios. Esse período é o do poder marítimo, porque, pela primeira vez o mar foi utilizado globalmente e simultaneamente para atender interesses científicos, políticos, econômicos e militares (Ribeiro, 2011).

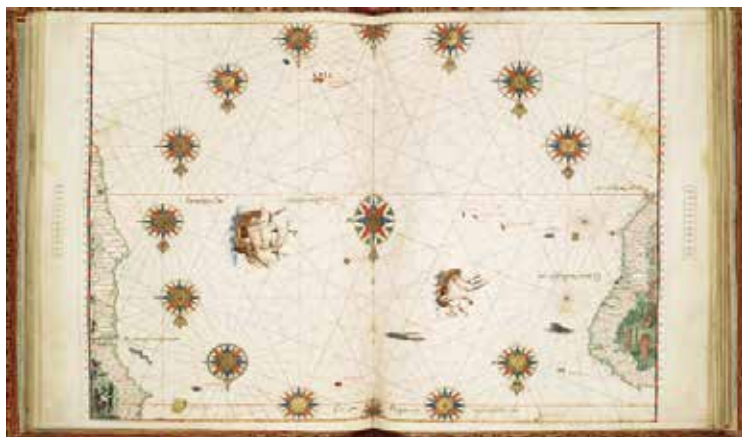


Figura 5. Oceano Atlântico com costa da África e Brasil, Atlas Vallard, 1547. Disponível em <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/53412>

O mapa nove do Atlas retrata a costa leste da América do Norte (figura 6). Descreve os limites do Labrador (norte) e da Flórida (sul). A costa está repleta de toponímia, indicação de rios, praias e baías. No atual Golfo de St. Lawrence aparece à nomenclatura ‘Rio Canadá’ e o Atlântico norte está desenhado até as ilhas dos Açores. O que chama atenção são as cenas no interior do território, em que há um encontro entre europeus e nativos. A iconografia mostra um grupo com indumentária usada na Europa do século XVI. Mulheres com vestidos longos, homens com espadas e armas de fogo, uma pequena fortificação de madeira com canhões apontados para alguns nativos. Mais ao sul, as cenas são de caça com arco e flecha, distinguindo-se das outras armas. Uma cena que representa a ocupação e o contato com as populações autóctones.

28

Quando analisamos a iconografia desse mapa, podemos citar Meireles: “a imagem enquanto representação do real

estabelece identidade, distribui papéis e posições sociais, exprime e impõe crenças comuns, instala modelos formadores, delimita territórios, aponta para os que são amigos e os que se deve combater” (Meireles, 1995, p. 101).

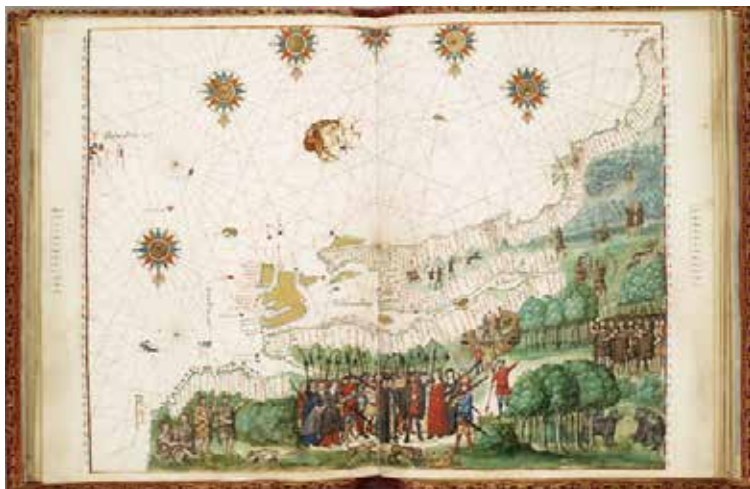


Figura 6. Costa Leste da América do Norte, Atlas Vallard, 1547. Disponível em <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/53427> Acesso em 24/01/2022

Observando o Atlas, no mapa dez, notamos que o território retratado foi a primeira área de ocupação dos espanhóis. Essa prancha mostra a América Central, partes da América do Sul, na qual se denomina ‘Le Perou’ e na América do Norte, a descrição que aparece é ‘La Nueve Espagne’ e a Flórida (figura 7). No Atlântico, surge uma embarcação e rosas dos ventos. Em todo atlas, esse é o único mapa que desenha o oceano Pacífico e a costa oeste da América. Destaca a Linha Equinocial e o Trópico de Câncer. Uma grande quantidade de ilhas encontra-se no centro do mapa, com indicações topográficas e as linhas de rumo. Na parte da América do Sul,

observamos uma cena pacífica de convívio entre indígenas e europeus. No norte do continente, vemos imagens dos nativos com arcos e flechas, numa representação que remonta o cotidiano.

Diferente dos outros mapas, esse retrata edificações de castelos, em torno de uma suntuosa construção central, na parte do atual México, destacando a presença da arquitetura europeia naquele espaço (figura 8).



Figura 7. Índias Ocidentais, México, América Central, norte da América do Sul, Atlas Vallard, 1547. Disponível em <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/53432>

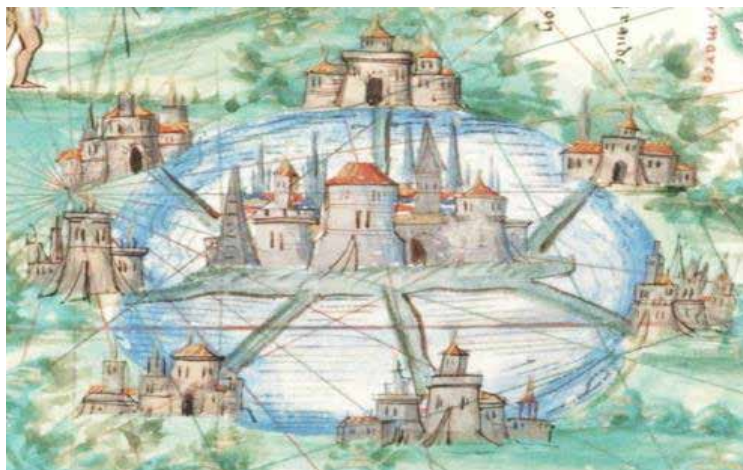


Figura 8. Detalhe do Mapa Índias Ocidentais, México, América Central, norte da América do Sul, Atlas Vallard, 1547.

O mapa onze do documento, também tem sua particularidade (figura 9). É o único da América que possui borda ilustrada com duas mulheres seminuas, frutas e alimentos tropicais. Os limites ao sul são a linha do Trópico de Capricórnio e a capitania de Cap. De Frie (Cabo Frio). Ao Norte aparece a descrição 'Le Perou', há topônimos até a latitude 16° e pequenas ilhas. Na parte do Atlântico, há rosas dos ventos e embarcações, além da indicação da Linha Equinocial. Destaca cenas do cotidiano dos nativos, com alguns caçando, outros se alimentando ou até descansando. Porém, há uma representação no interior das terras, com homens armados (europeus) próximo aos nativos que estão com ferramentas e objetos para exploração mineral. Vale lembrar que em 1545, ocorreu a descoberta da mina de prata na região de Potosí, mudando os rumos da colonização espanhola da América do sul. A mineração fez surgir cidades, novas rotas para escoar a

prata, marcou presença dos castelhanos devido à necessidade de proteger essas áreas, talvez o motivo de indicar o Peru.



Figura 9. Nordeste da América do Sul, Atlas Vallard, 1547. Disponível em <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/53437>

Na prancha doze do Atlas, ‘Sudeste da América do Sul, Estreito de Magalhães’ (figura 10), do Norte para o Sul destaca o litoral atlântico desde o nordeste brasileiro até o Estreito de Magalhães, que aparece como rio Magalhães e na outra parte, mostra uma massa de terra com presença de nativos. O rio da Prata penetra pelo interior do continente com ramificações, desaguando no Atlântico com duas capitânicas nas margens, de Sta. Paloma e Sta. Maria. Presença de rosa dos ventos no oceano. Próximo à linha do Trópico de Capricórnio surge a palavra ‘Brasília’. No limite norte do mapa, em vermelho, tem a descrição ‘Baía de todos os Santos’.

A iconografia nesse documento dá ênfase à questão econômica, ele expõe o espaço desde a bacia hidrográfica platina até

as montanhas andinas. Homens vestem as cores da França, com machados e foices para trocar por madeira e produtos exóticos, simbolizando o escambo. Acima avistamos cenas do cotidiano de caça, outros dois surgem com madeira sob os ombros, remetendo ao ciclo do pau-brasil. Na parte superior o cenário representa o extrativismo mineral. Um indígena manuseando um objeto circular, lembrando a bateia usada no garimpo de ouro de aluvião. Surge a paisagem de uma serras com os personagens segurando uma cesta cheia de prata.



Figura 10. Sudeste da América do Sul, Estreito de Magalhães, Atlas Vallard, 1547. Disponível em <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/53441>

Nos quatro mapas a iconografia dos indígenas é marcante. Cenas do cotidiano em que a extração de madeira, caça, armas e moradias. Porém há em dois documentos a representação da mineração da prata, isso demonstra o interesse em apontar aspectos dessa atividade presente na América desde o meado do século XVI e que tinha extrema importância para

sustentar o sistema mercantilista. Visto que o metalismo era um fator importante da estrutura para manter a balança comercial favorável. A posse de minas fortaleceria o Estado.

A França não possuía minas de ouro ou prata, o problema que se colocava era o de obter esses metais preciosos. Por causa dessa carência, Antoine de Montchrestien (1575-1621) propôs o estabelecimento de uma economia nacional completa e auto suficiente; partindo de uma ideia central de nação que defendia o protecionismo e a regulação da produção (Deyon, 1983). Diante desse exposto, a conquista de terras na América que pudessem explorar prata tornava esse espaço mais atrativo aos franceses, o que nos explica o motivo da iconografia destacar o extrativismo nesta região.

Esse Atlas deu ênfase às terras da América, num período em que as nações ibéricas fizeram intensa ocupação e exploração do continente. Assim como outros documentos produzidos em Dieppe, evidencia a força da influência portuguesa na sua composição. Esses mapas demonstram o interesse francês em conhecer áreas do Novo Mundo para consolidação da sua política expansionista. A iconografia destaca o espaço navegável do Atlântico e retrata o cotidiano dos nativos de forma edênica. Em suma, os cinco mapas ajudam a entender como a América foi percebida e projetada na cartografia do Vallard.

Referências

Albuquerque, L. de
1974 *Estudos de História. Vol II.* Coimbra: Universidade de Coimbra.

Atlas Vallard

1574 Autoria Anônima. Escola cartográfica de Dieppe. Recuperado de: <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/53367>

Berbara, M., Hue, S. e Menezes, R.
2020 *França Antártica: Ensaio Multidisciplinares.* Campinas: Editora Unicamp.

Carvalho, C. D.
1998 *História diplomática do Brasil.* Brasília: Senado Federal.

Casquilho, J. P.
2017 A insídia das formas – ensaio semiótico relativo a “rio Timor” no atlas Vallard e “Brasília inferior” no globo de Schoner. *Revista Diálogos*, Timor-Leste. Ano 2, n.º 2.

Davies, S.
2012 Depictions of Brazilian son French maps, 1542-1555. *The Historical Journal*, v. 55, n. 2, Cambridge University Press, pp. 317-348.

2016 *Renaissance Ethnography and the Invention of the Human: New Worlds, Maps and Monsters.* Cambridge: Cambridge University Press.

Deyon, P.
1983 *O Mercantilismo.* Lisboa: Gradiva.

Duzer, C. V.

2013 *Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps*. London: The British Library.

2015 *The World for a King: Pierre Desceliers' World Map of 1550*. London: British Library.

Ferreira, J. J. B.

2006 A Tese Do “Mare Liberum” (1608) E Os Ventos Da História. *Revista Militar*. N.º 2457, Outubro. Recuperado de: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/139>

Harley, J. B.

2009 Mapas, saber e poder. *Confins: Revista Franco-Brasileira de Geografia*, n.º 5. Recuperado de: <https://journals.openedition.org/confins/5724>

Hespanha, A. M. e Santos, M. C.

1993 Os Poderes num Império Oceânico. José Mattoso (Org.). *História de Portugal*, vol. IV, [s. 1.] Círculo de Leitores.

Meirelles, W. R.

1995 *História das imagens: uma abordagem, múltiplas faces*. Pós-História, n.º 3.

Meneses, U. T. B.

36

2012 História e imagem: iconografia/iconologia e além. Em Cardoso, F. C. e Vainfas, R. (org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier. pp. 243-262.

Miceli, P.

2002 *O tesouro dos mapas: a cartografia na formação do Brasil*. Exp. da Coleção Cart. do Inst. Cult. Banco Santos. SP: Banco Santos.

- Mota, A. T. da
1973 *Reflexos do Tratado de Tordesilhas na cartografia náutica do século XVI*. Coimbra.
- Pinto, P. J. de S.
2014 A Austrália descoberta pelos Portugueses? Ficções aquém e além de Capricórnio. *Brotéria*, n.º 5/6, maio-junho, vol. 178, Braga.
- Ribeiro, A. M. F. da S.
2011 Os Navios e as Técnicas Náuticas Atlânticas nos Séc. xv e xvi. *Revista Militar*, n.º 2515/2516, agosto-setembro. Recuperado de: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/667>
- Serchuk, C.
2018 Around the World: Borders and Frames in Two Sixteenth-Century Norman Map Books. Em Ingrid Baumgärtner, Nirit Ben-Aryeh Debby y Katrin Kogman-Appel (eds.) *Maps and Travel in the Middle Ages and the Early Modern Period Knowledge, Imagination, and Visual Culture*. Berlin/Boston: De Gruyter.
- Staden, H.
2007 *Duas Viagens ao Brasil: Primeiros Registros sobre o Brasil*. Porto Alegre: L&PM Editores. Recuperado de: <https://prioste2015.files.wordpress.com/2018/10/duas-viagens-ao-brasil-hans-staden.pdf>
- Tanzi, J. H.
1976 *O Tratado de Tordesilhas e sua projeção*. Revista de História: DH – FFLCH – USP, vol. 54, n.º 108. Recuperado de: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/77814/81796>

- Tavares, L. F. de F.
2014 *O novo mundo na França: discursos e poderes (c. 1530-1630)*. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense.
- Taylor, E.
1997 Jean Rotz and the Marine Chart, 1542. *The Journal of Navigation*, 50(3), pp. 429-435.
- Thomas, L. F.
2010 *O Atlas Vallard: livro explicativo da edição fac-similada*. Barcelona: Moleiro Editor.
- Toulouse, S.
2007 Marine Cartography and Navigation in Renaissance France. Em Woodward, D. *The History of Cartography: cartography in the European Renaissance*. Part 2. v. 3. Chicago: University of Chicago Press.

* * *

Recibido: 5 de noviembre de 2022
Aceptado: 30 de enero de 2023